Numero 90 — Domingo 14 de outubro de 1883 — Anno 2.º

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.os) 1$000 rs.; semestre (25 n.os) 500 rs.
FÓRA D'AVEIRO: anno (50 n.os) 1$125 rs.; semestre (25 n.os) 570 rs.
BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental anno... 1$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

SUBSCRIPÇÃO

Está aberta n'esta redacção a subscripção para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as auctoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

Transporte	17$500
Anselmo Ferreira	1$000
Alberto Bessa	$800
Anonymo	$500
Trigueiros de Martel.....	2$250
Xavier da Silva.....	2$000
Um republicano federal...	$500
Manoel Silveira.....	$500
Gabriel de Pinho.....	$500
Chrispiniano da Fonseca..	1$000
Y.....	1$000
Manuel Marques d'Almeida Junior.....	1$000
João Antonio da Cunha...	$500
	29$650

(*Continua*).

AVEIRO

Era o que faltava!

Se outros factos não estivessem demonstrando a absoluta incapacidade da monarchia constitucional para dirigir a sociedade portugueza no caminho do seu desenvolvimento progressivo, bastaria o seu atrazo intellectual, revelado flagrantemente em mil occorrencias quotodianas, mas particularmente na sua submissão idiota ás imposições do fanatismo religioso, para attestarem o total esgotamento do constitucionalismo como instituição politica.

A festa official da senhora Apparecida de Carnaxide é symptomatica e instructiva, por que é a crise estrondosa e burlesca de uma profunda vesania «constitucional», que se apossou dos governicheiros lusitanos e que promette conduzil-os á imposição da camisa de forças, se a doença não resolver em breve n'uma inoffensiva imbecelidade.

Essa exhibição milagreira de grande espectaculo saloio teve como ecco amortecido e chôcho a aventura quichotesca do administrador substituto de Aveiro mandando enterrar fora do cemiterio o cadaver do operario Jeronymo Salgado, que declarou expressamente antes de morrer desejar ser enterrado civilmente. Este facto tem valor como attentado brutal e indigno contra a inviolabidade da consciencia, mas seria simplesmente despresivel e indecente, se se manifestasse apenas como caso sporadico. Elle é porem a repetição teimosa e impertinente de um sem numero de vergonhas e de baixesas, commettidas impunemente a cada passo por essa malta de traficantes politicos e de galopins abjectos, que, sem vigor intellectual nem physico para ganharem a sua vida honestamente fasendo requerimentos ou cavando batatas, se arvoram, por mercê da choldra constitucional, em auctoridades administrativas... da corrupção e da trapaça indigenas. Estas brutalidades, que se repetem com uma frequencia irritante, provocam tanto maior indignação em todas as consciencias honestas, quanto é certo que elles constituem não só um attentado covarde e repugnante contra a liberdade de pensamento, base e origem de todas as liberdades, mas uma infracção criminosa das disposições expressas da lei, que n'este ponto é muito mais liberal e honesta do que a suppõem a maioria dos safardanas administrativos encarregados de a executar.

Elles porem, os mencionados safardanas, não se dão ao trabalho de estudar leis, por que lhes não chega o tempo para livrar recrutas e arranjar votos.

E' doutrina corrente e expressamente estabelecida na nossa legislação administrativa que os cemiterios publicos são simples estabelecimentos municipaes ou parochiaes, de caracter exclusivamente profano e nos quaes a auctoridade ecclesiastica não tem nem pode ter ingerencia alguma. O enterramento é um acto puramente civil, prescripto pelos interesses geraes da hygiene publica, absolutamente estranho a quaesquer preoccupações religiosas. A sepultura ecclesiastica consiste estrictamente no ceremonial religioso da lithurgia catholica, que acompanha o cadaver á cova e que recomenda a alma do finado ás potestades celestes. E' isto o que estabelece expressa e terminantemente a nossa legislação vigente sobre o assumpto. Com effeito em consulta do ajudante do procurador geral da corôa, Couto Monteiro, de 29 de março de 1865, posta como commentario ao art.º 12.º do decreto de 21 de setembro de 1835 e publicado nas notas do Codigo Administrativo, lê-se o seguinte:

«A circumstancia de haver sido negada a alguem a sepultura ecclesiastica, não auctorisa o parocho a faser sepultar o cadaver fora do cemiterio publico, por que a sepultura ecclesiastica no sentido estricto consiste nas ceremonias religiosas, «in lumine, psalmis et sacris orationibus, turiferatione aquae benedicta e adspersione,» e estes actos religiosos, que o parocho pode negar segundo os canones, são inteiramente destinctos do acto civil do enterramento no cemiterio. Nos paizes em que a igreja deixou de ter o direito de policia dos lugares destinados para sepulturas («como entre nós em que tal direito é privativo da auctoridade administrativa») só lhe resta hoje o direito de conceder ou de negar o concurso dos seus ministros e das ceremonias religiosas, e só n'este ponto é que podem ainda ter publicação as penas canonicas relativas a este assumpto; (Walter, Manual de Direito Ecclesiastico §.º 320) d'onde resulta que procede abusivamente a auctoridade ecclesiastica («e com mais rasão a auctoridade administrativa») quando impede o enterramento no cemiterio a titulo de que o fallecido morreu impenitente e fora do gremio da igreja, e deve em tal caso proceder-se criminalmente contra ella para lhe ser applicada a pena do art.º 246.º do Codigo Penal.»

Isto diz a jurisprudencia administrativa que nos rege, mas bem se importa o administrador do concelho de Aveiro e outros do que preceituam as leis e comminam os codigos. Elles, se estudaram leis foi simplesmente para aprenderem a sophismal-as. Para as cumprirem cá estão os ingenuos e os simples, de que os senhores administradores de concelho se riem superiormente da altura impertigada do seu synismo burocratico. Palavras leva-as o vento e gazetas são papeis: tanto dizem que acabam por calar-se.

O que rende é a chateza de espirito e de caracter, a nullidade moral e intellectual, a subserviencia rasteira ás imposições dos caciques, a traficancia eleitoral, o favoritismo desaforado e cynico, tudo o que é reles, tudo o que é porco, tudo o que é ignobil. Que vallem os interesses da consciencia honesta de um obscuro operario perante o applauso dos grossos burgueses dinheirosos amantes do altar e do throno, dos mandões circunspectos e ordeiros, dos nedios priores adiposos e brutos, que dão votos e pesam na balança da politica? Tinha que vêr se o senhor administrador substituto de Aveiro ia agora arriscar o seu rico lugar e a sua solida reputação de homem sisudo com uns impalpaveis interesses de consciencia, com uns transcendentes direitos de liberdade individual, fazendo-se defensor ou sequer respeitador d'um jacobino defunto! «Tó, russa.» Era o que faltava... «pois nana»!

Alexandre da Conceição.

OS ACONTECIMENTOS DE PARIS

Apezar de serem já passados muitos dias depois da apupada feita ao rei de Hespanha, pelo povo de Paris, não deixam ainda de atroar os ares as explosões de colera serodia dos «fanfarrões» nossos visinhos.

Por isso mesmo vamos occupar-nos do assumpto. Não é ainda tarde e assim poderemos fallar com mais conhecimento de causa.

Não está esquecido ainda o ultimo «levantamiento» hespanhol e os deploraveis acontecimentos que se seguiram a aquella tentativa malograda. A Europa civilisada, todo Universo mesmo, não poude esquecer ainda o barbaro fuzilamento dos cinco republicanos de Numancia, fuzilamentos ordenados e consentidos pelo governo hespanhol com pleno assentimento de Affonso XII, que por tal forma demonstrou que lhe girava nas veias «la sangre de su madre» a feroz e selvatica Izabel

(4) Folhetim

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

V

Repito, a conspiração de que conheci por este meio todas as particularidades, é uma conspiração verdadeira, tão verdadeira como a do general Malet. Para mostrar que Rocheretil e o abbade Georget não exageraram, que os Irmãos Azues tinham filiados em todas as classes da sociedade, que muitos dos mais altos personagens do Imperio se envolveram nas ultimas tentativas de Malet e dos seus successores, vou citar algumas passagens d'autores insuspeitos.

O duque de Rovigo, ministro da policia, exprime-se assim: «Os intrigantes tinham estabelecido como principio que o imperador succumbiria na guerra ou victima d'um assassinato, e todas as vezes que o viam partir para o exercito, preparavam qualquer projecto que se mallograva com a sua volta feliz.

Quando partiu para Hespanha esteve o caso mais feio. Esses homens apostavam que seria assassinado antes de ter caminhado dez leguas, e como sabiam que o costume do imperador era marchar sempre a cavallo e para toda a parte, não procuravam nenhum meio de lhe evitar essa sorte desgraçada, e esfregaram as mãos de contentes. Eis como o imperador era servido por homens cujo dever era tranquillisar e guiar a opinião, em lugar de a deixar vaguear ao acaso, dando-lhe elles proprios um exemplo nefasto de indecisão.»

Escútemos agora o sr. Foucher nas memorias que lhe são attribuidas:

«De repente, deixando os inglezes e abandonando a guerra de Hespanha aos seus generaes, o imperador appareceu-nos inesperadamente, ou porque, como a gente que o cercava me assegurou, havia recebido um aviso de que se organisava um bando de fanaticos hespanhoes para o assassinar, (no que eu acreditei), ou porque o dominasse a idéa fixa da existencia d'uma colligação em Paris contra a sua autoridade. Acreditei bastante n'um e n'outro d'estes motivos reunidos, mascarados pelo annuncio da urgencia de voltar rapidamente por causa dos preparativos da Austria. Napoleão ainda tinha trez ou quatro mezes deante de si e bem sabia que a Austria se não podia mecher por não estar preparada.»

Isto não indica muito ainda. Mas á medida que se aggravam os acontecimentos acentua-se a linguagem. Quem não conhece anedocta curiosa contada pelo conde Bengnot nas suas memorias? A scena passa-se no Rheno, n'um batel em que se achavam o imperador, o duque de Nassau e algumas pessoas do sequito:

«Jean Bon Saint-André e eu estavamos n'uma extremidade do batel emquanto que o imperador estava na outra; porem a distancia não era tão grande que se não ouvisse o que se dizia de lado a lado. Quando o imperador estava de pé, voltado para o rio a scismar, Jean-Bon disse-me em voz não muito baixa:—«Que posição singular! A sorte do mundo depende d'um ponta-pé» —Estremeci até á raiz dos cabellos e só me achei com forças para lhe responder— «Socega, pelo amôr de Deus!»

Jean-Bon não se importou com o meu terror, nem com o meu pedido e continuou: —«Descança, as pessoas resolutas são raras!» Mudei de conversação para fugir ao dialogo e o passeio terminou sem mais nada. Sahimos para terra; o cortejo do imperador seguiu-o até ao palacio. Subi as escadas ao lado de Jean Bon, a uma distancia regular do imperador.

—Mettestes-me um medo furioso, sabeis?...

—Sei sim, e o que me admira é terdes ainda forças para andar. Mas ficae certo de que choraremos lagrimas de sangue por este passeio não ter sido o ultimo.

—Sois insensato!

—E vós um imbecil, aparte o respeito que devo a vossa Excellencia.»

Jean-Bon Saint André era um jacobino, que não desmentiu os seus principios até á ultima; ouçamos personagens menos compromettidos e menos compromettedores:

«A campanha da Russia, diz uma nota attribuida ao sr. Réal, foi o tumulo da influencia prodigiosa que o imperador exercia no exercito. Os marechaes, os mesmos que o imperador tinha tornado tão ricos, pensaram no futuro, e surdas conspirações começaram a lavrar nas fileiras do exercito. Contava-me um dia o duque de Vicence que, achando-se depois da funesta batatha de Leipsiz em Buttesladt perto de Weymar, á porta do quartel do marechal Ney, foi-lhe fazer uma visita. O marechal convidou-o para ceiar. O principe de Moskova exprimia-se, em termos muito amargos, sobre a loucura do imperador, que tinha compromettido, por teima, n'uma só campanha o mais bello exercito que jamais existiu. Chegou a emittir claramente a opinião de que era necessario destitui-lo. Observando o de Vicence, que Napoleão não era homem facil de depôr, o marechal replicou vivamente:—«Quando digo destituir, digo tudo.»

O sr. Desmarest, chefe de divisão no ministerio da policia geral, conta tambem o facto seguinte:

«Um dia, em Dresde, o sr. Fain vindo de trabalhar no seu gabinete, ouviu um marechal proferir os mais sinistros prognosticos no meio d'um grupo. O secretario, apprehensivo sobre a impressão que podiam soffrer officiaes chegados de varios corpos do exercito, julgou do seu dever prevenir Napoleão, para que tomasse as medidas necessarias. O imperador limitou-se a responder-lhe: «Que quereis? Endoideceram!»

Emfim o proprio Napoleão dizia ao duque de Rovigo: «Estou á mercê do commandante da minha guarda.»

Estas palavras de Napoleão dão-nos a chave da conspiração dos Irmãos Azues, que vou principiar a narrar, pedindo desculpa aos leitores d'este prologo tão longo.

FIM DA INTRODUCÇÃO

(*Continua*).

II,—«la hyena coronada», como lhe chamavam os nossos visinhos n'um dos seus impetos de bom senso hoje esquecido.

Depois de tão criminoso acontecimento, o governo que o tinha ordenado, praticou a insensatez de aconselhar ao rei, uma viagem á Allemanha, com intuitos secretos que a opinião publica advinhou e que uma mentirosa diplomacia pretende esconder ainda hoje.

Depois d'uma passeiata até á Coruña, onde a côrte foi «pescar nas aguas turbas», apoderando-se, em proveito proprio, do regosijo natural d'uma terra que se vê enriquecida com mais um importantissimo melhoramento, o rei partiu para a Allemanha, os cadaveres dos fuzilados de Numancia tombaram dentro da valla commum, e o esquecimento cahiu como um espesso veu sobre os successos que durante alguns dias haviam agitado a opinião.

E o rei lá foi...

Depois da visita á Allemanha devia D. Affonso visitar a França com uma temeridade bem digna de melhor causa...

Bismark,—o velho chanceller de ferro, o eterno inimigo da paz, o polvo da Europa, que ha muito andava á espreita de occasião propicia para pespegar uma provocação á França, pulou de contente quando viu os factos a inclinarem-se para o lado dos seus desejos, e deliberou aproveitar-se da inexperiencia do rei de Hespanha para fazer «a sua».

Chega á Allemanha, D. Affonso e a mão occulta de Bismark, offerece como uma elevada distincção ao filho da rainha assassina, o uniforme de coronel honorario do regimento de ulanos de guarnição em Strasburgo. O rei de Hespanha que fôra hospede da França, que tinha obrigação de conhecer a historia e que sabia ter de ir a Paris, cae em acceitar o uniforme seduzido pela honraria que escondia a perfidia allemã... e segue para a França sem pensar sequer na insensatez do seu procedimento.

A noticia de que um «coronel do regimento de ulanos de Strasburgo», se dirigia a Paris, na pessoa do chefe d'uma nação que se dizia amiga, rebentou em toda a França,—na generosa França cujas feridas ainda gotejam sangue,—como uma bomba Orsini.

Sabe-se quanto os ulanos são odiados em França. Eram elles que precediam os exercitos invasores da Allemanha e iam saqueando as povoações, esmagando os velhos e as creanças, violando as mulheres, e incendiando as choupanas, para deixarem passagem livre ao exercito germanico.

Sabe-se mais que Strasburgo é uma das maiores feridas que possue a sempre sympathica e generosa França, na sua dignidade de nação livre que não pode esquecer os aggravos que a perda d'aquella cidade lhe causou.

D'aqui nasceu a estranheza que se apoderou de todos os corações verdadeiramente francezes, ao saber que o rei de Hespanha se dirigia a Paris, depois de ter vestido o uniforme de ulano, e demais a mais de ulano de Strasburgo. Realmente, D. Affonso nunca devia ter acceitado tal distincção ou então nunca devia ter ido a Paris. Fez porem, uma coisa e outra. Fez mal.

O povo de Paris assim lh'o demonstrou na recepção «assobiada» que lhe preparou, na «tróça» com que o recebeu. E não venham dizer-nos que o povo de Paris foi indilicado com um rei, representante d'uma nação amiga. Se o povo de Paris foi indelicado temos de acreditar logicamente que o rei de Hespanha o havia sido primeiro. Se o povo de Paris menospresou,—com o que não concordamos,—uma nação, a offensa foi indirecta, ao passo que o procedimento de D. Affonso representa um aggravo directo a toda uma nação, ciosa da sua honra e da sua dignidade. Com que direito, pois pode passar desapercebida a offensa d'um rei a um povo e se censura o desagravo,—seja ella qual for,—d'um povo a um rei? Qual vale mais? Um rei,—uma pessoa,—ou um povo,—uma collectividade?

Depois o povo parisiense, o povo francez, é illustrado e viu bem, por traz da «fantochada», o chanceller de ferro a puchar os cordelinhos e quiz-lhe mostrar que não está disposto a deixar-se manietar.

N'este caso o rei de Hespanha foi um instrumento inconsciente de Bismark, foi a mão com que elle deu a bofetada na França, que lhe respondeu pelo meio mais rapido que encontrou afim de lhe mostrar que não dorme á sombra da espantosa prosperidade que a cerca mau grado de todas as potencias monarchicas.

O que fez o povo de Paris, fazel-o-hia todo o povo francez se podesse caber n'aquella cidade no dia 28 de setembro. Quando dizemos «o que fez o povo de Paris», referimo-nos ao fim que teve em vista:—o desagravo da offensa recebida,—e não aos meios escolhidos, os quaes não discutimos.

E' curioso de ver como em Hespanha, são apreciados estes acontecimentos. A «fanfarronice» em que são mestres os hespanhoes, desencadeou-se em explosões d'um comico impagavel.

Entre outras coisas, os nossos visinhos chamaram á França—«covarde e povo de prostitutas»!!!

Na irrupção do seu patriotismo balofo, os hespanhoes chegaram a esquecer a sua historia de nação, historia dos seus reis, e os costumes da sua terra.

A França é covarde e os que hoje applaudem e enchem de beijocas o filho d'aquella a que hontem expulsaram depois de lhe chamarem quanto de mau se pode chamar a uma mulher, que diabo serão?

Valentes, é claro!

Em materia de covardia,—valha-nos N. S. de Carnaxide, que está agora muito em voga,—não são os nossos visinhos os que podem atirar a pedra.

Olhem para a sua historia e ... callem-se que é melhor.

A respeito dos outros doestos que dirigem ao brioso povo francez, lembrem-se que «quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do visinho...» e mettam a viola no sacco.

E sobretudo lembrem-se que a França, é demasiadamente nobre e sensata, para se importar com as «fanfarronices» de quem esquece a sua historia, de quem, como nação, está no caso d'aquel mulher a quem o marido dizia no momento d'uma desavença com outra mulher:

—Chama-lhe... antes que ella te chame a ti.

E, para terminar, perguntaremos aos nossos visinhos, a proposito de covardia:

—O assassino do tenente Cebrian, era francez?...

Justus.

Arranjos

Approxima-se a abertura das camaras, e já se falla em mudanças ou modificações ministeriaes. O snr. Fontes está cançado e só procura pretextos para largar o poder. Não terá o chefe do partido regenerador coragem de arrostar, perante a opposição parlamentar, com a responsabilidade dos actos que o seu gabinete praticou durante o interreguo das camaras? Não nos falta vêr mais nada. E' verdade que o sr, Fontes é ubeiro e vezeiro n'essas gentilesas.

Para empolgar o governo todos os meios lhe servem; para o largar a mesma cousa.

Que lhe importa faltar ás praxes constitucionaes? As praxes constitucionaes são elle; elle é as praxes constitucionaes.

Agora, em França, um ministro distincto, o general Thibaudin, negava-se terminantemente a sahir do ministerio sem dar conta dos seus actos aos representantes do paiz. Aqui, os ministros da monarchia, fazem exactamente o contrario. O que elles querem é viver commodamente, longe de agitações e barulhos. O parlamentarismo, a dignidade politica, o respeito pela soberania popular é uma historia. O que não é historia é encher a barriga á farta, e dar da fazenda do povo grossa fatia aos affilhados, sem dar satisfações a ninguem.

Tambem não deixa de ter graça a sahida do sr. Fontes, a ser certa, antes de se discutirem as decantadas reformas politicas. Então o snr. Fontes faz d'isso o seu cavallo de batalha e agora manda tudo para o diabo? Que seriedade tem esse homem e a sua gente servil?

Quanto á modificação no ministerio, já nos parecem torpes tantas modificações. Os regeneradores teem-se fartado de remendar a egrejinha, e é tempo de acabar com remendos. Não acabarão, porque o defeito está na monarchia. Para esta não valem as indicações parlamentares. O rei lá arranja o negocio de parceria com os seus serviçaes de todas as côres. Se lhe parece, concede recomposições ministeriaes até ao infinito; se lhe não parece não concede nenhuma.

Sempre assim foi e sempre assim será. Por isso não cessaremos de trabalhar pela queda da monarchia, a fim de que se restabeleça o verdadeiro governo que respeita a liberdade, que não rouba os cidadãos e que acata as decisões e a vontade do paiz:—o governo republicano

---

O nosso querido amigo o sr. Magalhães Lima escreveu ao sr. Mendes Leite a carta brilhante que passâmos a transcrever do «Seculo»:

Ao sr. governador civil de Aveiro

Ill.mo e Ex.mo sr.— Manoel José Mendes Leite, governador civil d'Aveiro.

Excellencia:

Quero tratal-o exactamente como trataria um grande do reino. Arrobas, de luminosa memoria, tambem por mim, um obscuro, um *sans culotte* incorrigivel, foi contemplado com esse epitheto deslumbrante. Excellencia merece toda essa legião de bravos, que, mercê de Deus, nos explora e nos enxovalha a cada passo com os seus abusos repugnantes, com o seu cynismo com a sua perversidade sem nome. V. Ex.ª pertence á raça, porquanto occupa, com applauso das camarilhas, um lugar que tanto poderia ser desempenhado por um mordomo da irmandade do Senhor dos Passos, como pelo primeiro regulo africano que apparecesse. Permitta-me pois, que o applauda eu que o faço pela primeira e proventura ultima vez. E' esse o caminho para não deixar ir o penacho por agua abaixo, e V. Ex.ª— consinta-m'o que lh'o diga á puridade!—afiguram-se-me cioso da *cana* regeneradora no districto de Aveiro.

Em primeiro logar: que razão houve para conservar, como administrador, durante quinze mezes, em effectivo serviço o sr. Valle Guimarães, um cretino, incapaz de conhecer ou de interpretar uma lei? Será V. Ex.ª compadre do referido senhor? Se o é, está no seu posto, e perfeitamente dentro do programma do partido regenerador.

Em segundo logar, tendo abusado no exercicio das suas funcções o tal e sempre referido senhor que motivo o deteve a V. Ex.ª para lhe não dar immediatamente a sua demissão, como satisfação á lei e á liberdade, torpemente ultrajadas por aquelle mameluco inconsciente.

E' que toda a questão se resume n'isto: o sr. Valle Guimarães pertence á confraria e V. Ex.ª não quer desgostar os amigalhotes.

Ora permitta-me dizer-lhe que a epoca dos capitães-mores e das auctoridades patriarchaes, como V. Ex.ª, vae felizmente declinando. V. Ex.ª passa por um conversador patusco. Já não é pouco. Vê-se que nem sempre a um bom conservador póde alliar-se uma auctoridade modelo. Ninguem mesmo exige que V. Ex.ª continue a ser governador civil de Aveiro. Cada um é para o que é, diz o povo. E V. Ex.ª decididamente está deslocado n'esse meio burocratico em que ainda vegeta, mercê da indifferença publica n'este paiz. Abstenho-me até, para o não desgostar, de lhe communicar a opinião que por aqui corre, ácerca d'esta ultima façanha em que uma auctoridade administrativa, por sua alta recreação e com assentimento dos seus superiores, mandou, «ás occultas, enterrar o cadaver de um pobre operario, atraz da porta do cemiterio, escoltado para mais por quatro cabos de policia.» Uma vergonha, Excellencia, para não dizer uma infamia, mas que cabe perfeitamente entre as proezas da *raça*...

N'uma palavra: está ou não V. Ex.ª resolvido a demittir o administrador do concelho de Aveiro?

E conte comigo, senhor!—hoje e sempre...

De V. Ex.ª
Um antigo amigo reconhecido

S C.—6—10—83.

S. de Magalhães Lima.

PROTESTOS

São innumeros os protestos que continuâmos a receber de toda a parte, alguns dos primeiros homens do paiz. Está contente com a manifestação, sr. Valle Guimarães?

Meus caros amigos

Associo-me aos protestos lavrados no «Povo de Aveiro» contra o indigno procedimento das auctoridades administrativas d'essa cidade, e sinto profundamente que o governo não tenha já dimittido os subordinados que assim menosprezaram as leis e offenderam a liberdade mais preciosa da vida humana—a liberdade de consciencia. Apesar do abaixamento moral a que chegou a sociedade portugueza é quasi inacreditavel semilhante facto!

Em que tempo vivemos? No seculo XIX ou no seculo XV? Quem governa espiritualmente o mundo? A sciencia ou theocracia? A quem temos de obedecer? Ao *Syllabus* romano, ou á constituição civil do Estado, onde vem definidos os direitos naturaes e imprescriptiveis do homem? O presente caso auctorisa-nos a fazer estas perguntas.

Os homens sinceramente liberaes, sinceramente amigos da sua patria, não podem, nem devem, cruzar os braços diante dos manejos da reacção cuja influencia augmenta de dia para dia graças á descarada protecção que lhe dispensam os nossos governantes. O attentado contra a liberdade de consciencia, commettido em Aveiro na pessoa de um obscuro trabalhador, é um dos muitos factos que mostram a alliança do throno com o jesuitismo—os dous inimigos seculares do progresso e da dignidade dos povos.

Abaixo a realeza! Abaixo a reacção! Viva o povo livre e soberano! Viva a politica democratica, a politica da tolerancia, da egualdade, do futuro!

Alves da Veiga.

*
* *

Meus amigos

Ha dias que não lia os jornaes do paiz e por isso não tinha tido occasião de ler no *Seculo* o infamissimo attentado que a inepta auctoridade administrativa d'Aveiro praticou contra a liberdade de consciencia, a proposito do enterramento civil do infeliz Jeronymo Salgado.

Recebo hoje o «Povo de Aveiro» e ao lêl-o não pude suffocar no peito um grito de indignação que dezejaria poder traduzir n'um facto bem eloquente se mais perto estivesse d'essa sympathica terra. A descripção da affronta praticada pelo administrador substituto de Aveiro, aos mais rudimentares principios da dignidade humana, fazendo enterrar a occultas como um animal vadio, o cadaver d'um desgraçado operario, cujo espirito não se vergava ás imposições dos devotos de Carnaxide e quejandos, indignou-me muitissimo.

Tão gravissimo crime não pode deixar de ser punido com a exoneração de tão pifio magistrado, como o que tal attentado realisou.

Unindo-me, n'este momento solemne a todas os verdadeiros liberaes do paiz que levantam unisonos os brados da sua justissima indignação, eu protesto contra o inaudito escandalo, como protesto contra a manutenção da vergonhosa portaria do duque d'Avila, principal geradôra de tão insensatos procedimentos.

Protesto contra o acto já praticado e protesto contra a continuação de tal administrador á frente d'esse ou d'outro qualquer concelho do paiz.

Que o ministro do reino se digne pensar seriamente n'este assumpto e demitta sem demora quem por forma tão indecorosa calcou aos pés o que ha de mais sagrado na vida:—a consciencia.

Querendo d'alguma forma tornar mais eloquente este meu protesto, auctoriso-vos a dispor da quantia a que me refiro em carta particular, para a subscripção destinada a collocar uma lapide commemorativa sobre a sepultura do desditoso trabalhador, insultado quando já entre os braços da morte não podia repellir a affronta d'uma auctoridade imbecil, e declaro que me associo de todo o coração a quantas manifestações dignas se levarem a cabo para protestar contra esse escandalo enorme que a Turquia se envergonharia de consentir.

Peço a publicação d'esta carta no proximo numero do vosso jornal.

Porto—8—novembro de 83.

Alberto Bessa

*
* *

Cidadão amigo

Li com indignação sem limites a prepotencia acabada de praticar pelas *illustres* auctoridades d'Aveiro!!! E' indigno, é infame e não acho até vocabulo proprio para o qualificar!!! Parece que estamos nos sertões d'Africa!!!

O administrador do concelho d'Aveiro, commetteu a arbitrariedade mais escandalosa que pode imaginar-se e o sr. governador civil, se o autorizou ou tolerou, ultrapassou os limites do despotismo!!! Se o operario Jeronymo Salgado vivesse e tivesse que dar o seu voto a essa cafila monarchica que nos governa, prometter-lhe-hiam *hoje* todas as garantias, que como cidadão, e sem favor, tinha direito, mas infelizmente deixou d'existir e nem o campo da igualdade lhe foi facultado!... Revolta cidadão amigo tanta barbaridade, lançar ao monturo o cadaver d'um nosso irmão, como se fosse um irracional abandonado por seu dono!...

Essas auctoridades imbecis, violaram os preceitos da nossa diviza—Liberdade, egualdade e fraternidade—, negando o primeiro as cinsas do cidadão honrado, por não pertencer á corja dos monarchicos; o segundo, que n'este assumpto é incontestavel, por isso que só ali terminam as contendas e porque os cemiterios são dos povos

e não das auctoridades, e o terceiro porque deviam ter mais humanidade com o cadaver d'um seu irmão.

Era n'esse momento solemne, que o povo devia compenetrar-se dos seus direitos e impor a sua vontade *soberana*, fustigando esses indigenas, protectores das aves de rapina a que chamamos *padres!*... Guerra d'exterminio contra elles....

Repugna-me escrever mais sobre um assumpto tão lastimavel e portanto cidadão amigo, envio 500 reis para a subscripção aberta por essa redação, para a lapide a que se refere o seu jornal n.º 89.

Creia-me cidadão amigo dedicado

Silveira.

Pampilhosa

As auctoridades de Aveiro e a imprensa

Publicamos no domingo um pequeno artigo da «Era Nova», verberando o procedimento das nossas auctoridades. Hoje publicamos as apreciações d'outros jornaes, figurando entre elles o «Diario de Portugal», jornal regenerador:

AO GOVERNO

O redactor principal do «Seculo» levou ao conhecimento do sr. ministro do reino o seguinte facto succedido em Aveiro:

Jeronymo Salgado, operario, falleceu no domingo, n'aquella cidade, deixando declaração expressa de que o seu corpo fosse enterrado civilmente. O irmão do fallecido, Antonio Salgado, e o individuo encarregado de cumprir as ultimas disposições do finado, participaram isto mesmo, nos termos da lei ao sr. administrador substituto, que ha quinze mezes faz as vezes de administrador effectivo do concelho de Aveiro. O administrador do concelho em vez de acatar a vontade do fallecido e se dirigir pelas indicações da lei, ordenou que o cadaver, acompanhado de quatro policias, fosse enterrado ás occultas.

Que nos conste ainda o sr. ministro do reino não demittiu o administrador do concelho de Aveiro, nem deu providencia alguma.

E' de supor que s. ex.ª ainda galardoe aquella auctoridade, que tambem o secunda nos serviços que, com auxilio da pasta do reino, está prestando ao partido reaccionario.

Por vezes o sr. ministro do reino tem dado provas do seu profundo desprezo pela lei, não admira que n'este assumpto siga pela mesma vereda.

Mas se s. ex.ª é tão contumaz no erro, se as suas leviandades o põem fóra da esphera onde se encontra, rasão temos para em vez de nos dirigirmos a s. ex.ª, pedir providencias ao governo contra o inaudito attentado que acaba de se praticar em Aveiro.

Não vivemos em paiz de barbaros, ha leis, boas ou mas que a todos cumpre respeitar, e o administrador d'Aveiro esqueceu-as todas e andou brutalmente n'esta questão que até os proprios jornaes do governo condemnam.

O facto merece uma satisfação por parte do governo; por ella esperamos.

(Da «Democracia.»)

*

Ha poucos dias referia o nosso collega «O Seculo» um attentado gravissimo, praticado pelas auctoridades de Aveiro, que merecia prompta reparação.

Falleceu ali um cidadão que antecipadamente tinha disposto que desejava ser enterrado civilmente, porem as reaccionarias auctoridades d'aquella localidade, apenas tiveram conhecimento da disposição do finado, apoderaram-se escandalosamente do cadaver e deram-lhe sepultura como se elle fosse um ente irracional.

Este procedimento covarde e infame, produziu justificada indignação nos habitantes de Aveiro e contra elle representaram ao ministerio do reino, o nosso prezadissimo collega do «Seculo» Magalhães Lima; mas até agora apezar das promessas do seraphico ministro, ainda não consta que as auctoridades que commetteram uma tão nefanda indignidade, fossem sequer reprehendidas.

Outra cousa não esperavamos do frei Thomaz da Apparecida.

Porém como n'este paiz não ha providencias, o povo de Aveiro deveria protestar, levando os beleguins do rei que nem ao menos teem respeito pelos mortos, ao local do delicto, e fazel-os desenterrar com o focinho o cadaver do cidadão que torpemente profanaram.

Só assim ficaria reparada a affronta d'aquelles esbirros soezes.

(Do «Noventa e Trez.»)

*

O SECULO—publica uma carta, em que se participa ao sr. ministro do reino que o administrador de Aveiro mandára enterrar, ás «occultas», detraz da porta do cemiterio, um operario que deixára declaração expressa de que desejava ser enterrado civilmente.

Se o facto é authentico, como devemos suppôr, o citado administrador estudou a liberdade pela cartilha da «Nação», espesinha a lei, desvirtua os intuitos do governo, e merece pelo menos que os homens de bem lhe não estendam a mão, e que o governo lhe peça rigorosas contas da malevola sandice.

(Do «Diario de Portugal».)

*

Protestamos contra o procedimento das auctoridades de Aveiro, com referencia ao enterro do honrado cidadão Jeronymo Salgado.

Quem não está á altura de saber conhecer as leis e de saber exercer o lugar que occupa, demitte-se.

Nunca se viola a liberdade de consciencia. O «asnatico» feito das auctoridades aveirenses, faz-nos crer, que, ou são ignorantes, ou...

Repetimos:—protestamos contra tão pôdre procedimento.

(Da «Liberdade.»)

*

A imprensa republicana em primeiro logar e depois alguns jornaes de varias côres e procedencias, têm-se occupado detidamente da fórma porque o administrador substituto de Aveiro se houve no enterramento d'um tal Jeronymo Salgado, operario, fallecido n'aquella cidade ha poucos dias.

A cousa narra-se em duas palavras. Jeronymo Salgado, pelos modos republicano convicto, e inimigo de hypocritas e frades, como dizia Bocage, deixou expressamente declarado que o seu cadaver fosse enterrado civilmente, e na conformidade d'essa declaração, um seu irmão e outro individuo encarregado de fazer cumprir as ultimas disposições do finado, deram conta do caso á auctoridade administrativa, para ella providenciar nos termos da lei. Está claro que a obrigação do administrador era dispor as cousas de fórma que a vontade do fallecido fosse respeitada, mandando proceder ao enterramento segundo as determinações da lei civil e com a decencia e respeito devidos aos mortos.

Não succedeu, porém, assim. O administrador, como bom catholico e zeloso funccionario, ordenou que o cadaver, escoltado por quatro policias, fosse transportado a occultas para o cemiterio, e ali atraz da porta da entrada abriu-se uma cova, onde o enterraram, exactamente como se faz a um cão vadio.

Não vale a pena commentar o facto, que de per si se impõe ao espanto de toda a gente, provocando em toda a gente a mais profunda indignação. Aqui ha ou muita estupidez, ou muito desprezo pela lei. Como quer que seja, uma auctoridade de tal quilate não deve occupar por mais tempo o logar que tão indignamente occupa.

O sr. ministro do reino, a quem o caso foi participado sem omissão da mais leve circumstancia, não deve addiar para mais tarde a punição do funccionario para quem a lei é uma palavra sem sentido, e o respeito devido aos mortos, um brinquedo. O tal administrador deve sem perda de tempo ser processado por abuso de poder e punido na conformidade da lei penal que previne e pune taes delictos.

Tem-se accusado o governo de viver mancomunado com a reacção, que ahi campeia desenfreada por toda a parte. Bom é que se aproveite este ensejo para destruir tão graves e desagradaveis boatos.

(Do «Independente Regoense.»)

*

O nosso presadissimo collega *O Povo Portuguez*, depois de transcrever a carta que o nosso amigo sr. Magalhães Lima, dirigiu ao sr. ministro do reino, diz o seguinte:

«Depois d'esta exposição todos os commentarios são inuteis; e assim repellindo apenas a affronta que foi atirada a todas as consciencias livres, protestamos contra essa brutalidade, praticada pelas auctoridades administrativas d'Aveiro, como attentatoria do direito, da liberdade e da veneração que devemos aos mortos.»

BAIRRADA

Como dissemos, concluiram-se as vindimas em toda a Bairrada, e acha-se já envasilhado o vinho da novidade, sendo pequena a producção, mas boa a qualidade do genero.

Aos vinhos novos não faltam maduresa, côr e corpo, como typos d'uma colheita muito especial. Resta que o commercio os procure e os repute condignamente.

Vão passados os labores viticolas, e a commissão districtal anti-philloxerica permanece n'uma quietação profunda, esquecida, talvez, do compremisso que tomou. Talvez, dizemos nós, porque não nos queremos por ora convencer que o illustre presidente da commissão pretenda declinar de si a tarefa que se impôz. Referimo-nos á convocação dos principaes viticultores da Bairrada para uma grande reunião nos paços do concelho d'Anadia a fim de se tratar dos meios de defeza em commum contra a invasão phylloxerica que bate á porta d'aquella importante região vinhateira.

Esperaremos ainda: revestir-nos-hemos da mais evangelica paciencia para aguardar os actos da commissão districtal anti-phylloxerica, mas contem os seus illustres membros que, chegados a desesperar, seremos implacaveis e severos na apreciação do seu proceder.

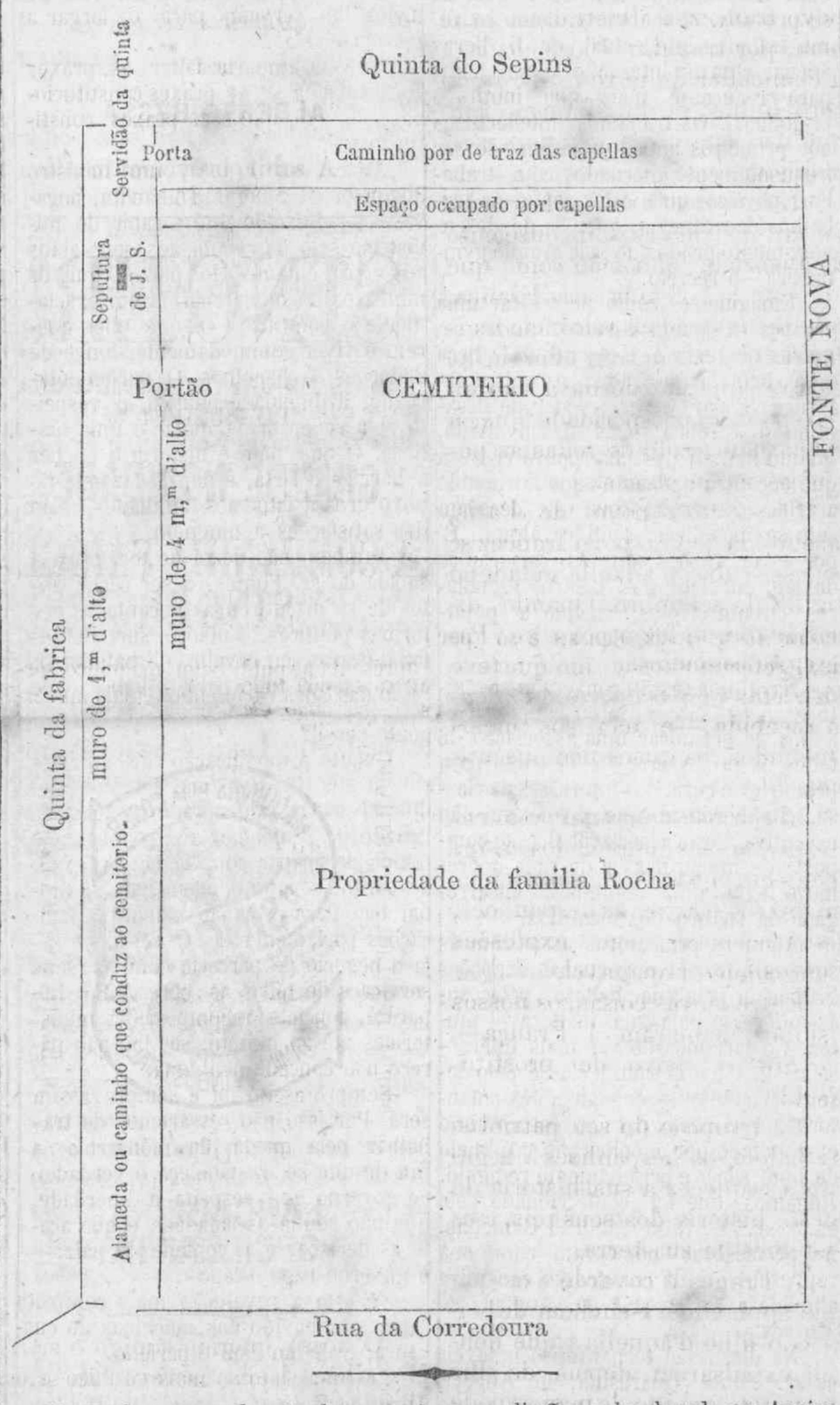
—Estão á porta as eleições municipaes e parochiaes e não se falla na Bairrada em combinações serias para a formação de novas listas. A camara d'Anadia continuará a ser eleita por lista de chapa, planeada e servida em pleno conciliabulo de familia. Serão reeleitos os mesmos vereadores para variar, ou entrarão outros tão doceis e inoffensivos como os actuaes, muito boas pessoas, mas que não deixam um traço de luminiosa iniciativa, sem facto qualquer que os assignal fóra da vulgaridade e do pão nosso quotidiano.

—Está em Anadia o illustre deputado vitalicio do circulo. E' possivel, é quasi certo, que a renovação dos cargos municipaes seja patrocinada pelo seu dedo protector, e n'este caso teremos fatalmente uma camara continuação da antecedente, da qual ha tudo a esperar, pelo simples facto de que nada fez ainda que se visse...

CARTAS

Por absoluta falta d'espaço não publicamos hoje a carta do nosso estimado correspondente de Lisboa. Pedimos-lhe desculpa.

Para os nossos leitores melhor poderem avaliar o logar onde o administrador substituto d'este concelho mandou enterrar o fallecido Jeronymo Salgado, damos hoje a planta do cemiterio publico d'esta cidade, indicando o lugar onde foi enterrado o infeliz operario:



O papel regenerador tardou, mas chegou. Infelizmente vem com asneiras, segundo o costume.

Ora reparem os leitores.

Depois de citar a declaração de Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, escreve:

«Esta declaração foi apresentada ao administrador *exclusivamente* pelo sr. Antonio Ponce Leão Barbosa, exigindo este senhor o cumprimento d'ella, em vista do que aquella auctoridade tomou as seguintes providencias: —officiou ao reverendo prior da freguezia da Gloria participando-lhe que o fallecido havia deixado aquella declaração e rogando-lhe que por sua parte a cumprisse; e officiou ao director do cemiterio, fazendo-lhe egual participação a fim de que a sepultura fosse aberta no *logar reservado aos não catholicos* (textual).

Podia ser mais correcto o procedimento do administrador?

Entendêmos que não.»

E mais adiante:

«... é certo não estar nas precizas condicções o local onde em Aveiro são sepultados os não catholicos, motivo porque tambem pedimos á camara municipal, a cujo cargo está o cemiterio, tome as suas providencias sobre este assumpto.»

Então o procedimento do administrador foi correcto ou não foi correcto? Veja lá em que fica o escrevinhador. Se o local não está nas precizas condicções, se fica fóra do cemiterio, que é o que quer dizer o escrevinhador, foi incorretissimo.

Se no cemiterio não ha *lugar reservado aos não catholicos*, o administrador, mandando sepultar o fallecido n'esse ponto *desconhecido*, deu provas soberbas de cretino.

A *defesa* estampada no papel regenerador acaba de provar a toleima refinada dos seus redactores e d'alguns collaboradores. Nunca defende ninguem que não deixe mais compremettido.

O procedimento d'esse homem chamado Valle Guimarães foi correcto, mas mandou enterrar Jeronymo Salgado n'um *local fóra das condicções que se requerem no destinado ao enterramento dos não catholicos.*

Mas, creancinha sem juizo, é exactamente isso que nós flagelâmos. E' por isso mesmo que chamâmos imbecil ao administrador do concelho e reaccionario ao governador civil, que o não demittiu, e torpe ao ministro do reino, que os não castigou ambos.

Se a gente regeneradôra ou jesuitica ainda se não convenceu de que qualquer defesa do *Districto*, e em qualquer circumstancia, é uma desgraça para ella, ha de concordar que anda com os olhos muito tapados.

E o escrevinhador sublinha acima a palavra *exclusivamente*. Pois quem queria elle que apresentasse a declaração ao administrador senão *exclusivamente* o nosso amigo Ponce Leão Barboza, *exclusivamente* encarregado d'isso pelo morto?

E é esta a *troupe* que chama aos republicanos declamadôres!

Se o administrador tinha duvidas, chamasse as testemunhas.

Quanto ás informações do nosso querido collega o *Seculo*, demais sabe este que foram verdadeiras. Ainda que em alguma particularidade o não fossem, eram-no na base principal da accusação e tanto bastava.

O escrevinhador ignorante refere-se ao caso da infeliz suicida, sepultada vilmente detraz da porta do cemiterio, e diz que então não se levantou a celeuma que agora se levanta, *porque certos sugeitos não tiveram vagar de especular com este triste drama.*

Repellindo com a ponta do pé a insolencia soez do atrevido, dir-lhe-hemos que consulte a collecção do jornal—*A Folha do Povo*, que n'ella encontrará um valente protesto contra esse acto infamissimo. Os que n'essa occasião tinham as mesmas convicções liberaes que hoje teem, não deixaram de protestar pela mesma forma por que hoje protestam. Se o protesto de então não encontrou tanto echo como o de hoje, foi por muitas circumstancias que toda a gente conhece.

Apanhou aquillo n'um artigo do *Seculo*, e, incapaz de qualquer edêa propria, arremessou-nos com elle julgando que nos feria.

A nós é que nos compete perguntar ao papel o que elle disse n'essa occasião, como competia á sua profissão jornalistica.

Para terminar dir-lhe-hemos que a consideração que o sr. administrador nos merece é a d'um carola cretino, imbecil, ignorante.

O Thomaz da Apparecida não deu providencias algumas sobre o caso Valle Guimarães.

Já o esperavamos. Por hoje não faremos commentarios.

O X com estrellinhas principiou e promette continuar. Mas começa a repisar, como verdadeiro acephalo que é, o que já disse n'outro dia. Volta com o tolissimo *exclusivamente*, redomoinha em volta da correcção do procedimento do administrador do concelho, falla no *lugar reservado aos não catholicos*, declara outra vez que o tal *lugar* não está nas condicções precisas, e pede á camara que o ponha *nas ditas condicções.*

Um parvo a que já tinhamos dado uma reposta, que os leitores encontrarão em outro sitio.

O X refere-se principalmente ao nosso querido collega do *Seculo*, que não lhe dará a importancia de lhe responder. O mesmo fariamos nós, se não precisassemos d'esclarecer o publico e de dizer ao X quatro palavras.

Primeiro. O X com estrellinhas affirma novamente que Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado não foi enterrado onde o devia sêr, porque alameda annexa ao cemiterio publico não está nas condicções dos locaes destinados aos enterramentos dos não catholicos!. E' quanto nos basta, porque todo o paiz sabe que é essa exactamente a base das accusações dirigidas pelos jornaes liberaes ás autoridades d'Aveiro.

Segundo. O X com estrellinhas diz que é *falso, falsissimo*, o administrador do concelho ter mandado enterrar

ás occultas o cadaver de Salgado, escoltado por quatro cabos de policia.

Pois é verdadeiro.

E a prova de que foi enterrado ás occultas, é que o proprio irmão do fallecido, tendo sahido de caza d'este para pedir providencias contra a illegal ordem que o administrador do concelho deu, (de ser enterrado fora do cemiterio) e vendo a teimosia asnatica d'esta auctoridade em fazer executar tal ordem, resolveu vóltar a casa para adiar o enterro para o dia seguinte, afim de se dirigir ao governador civil d'este districto, pedindo providencias contra o attentado indigno mandado praticar pela autoridade inconsciente.

Porem, quando voltou a caza, já não encontrou o cadaver de seu irmão, porque os malsins do sr. administrador, de accordo com o sogro do fallecido, (e a esse figurão chama o X familia da victima!) o mandaram sahir de caza antes da hora que estava determinada.

Quem mente, portanto, torpemente é o X com estrellinhas.

Terceiro. O X com estrellinhas affirma que viu em Aveiro, no dia do enterramento, alguns dos nossos correligionarios e accusa-os de não terem acompanhado o cadaver á ultima morada.

Se esses individuos não acompanharam o cadaver do infeliz, foi simplesmente porque já não encontraram em caza o cadaver do fallecido, que tinha sido enterrado antes da hora marcada, como acima narramos.

Esta é que é a verdade e affirmâmol-o sob a nossa palavra de honra.

Eis ahi como se fez enterrar o cadaver ás occultas.

Quarto. O X com estrellinhas accusa as testemunhas, que asssignaram a declaração de Salgado, de lh'a terem arrancado á força, e chama-nos especuladôres. Parêmos aqui. Aos leitores diremos, á fé de jornalistas honrados, que a declaração de Salgado foi expontanea, livre, feita em pleno uso das faculdades intellectuaes e sem coacção de ninguem. Mezes antes de morrer já elle tinha dito a tres individuos, no numero dos quaes estava um dos seus proprios irmãos, que desejava sêr enterrado civilmente.

Demais, se a declaração de Salgado foi feita 23 dias antes de morrer, como é que lh'a arrancaram? Não teve tempo de reconsiderar durante tantos dias?

Os que nos conhecem, sabem demais que sômos incapazes d'especular com cousa nenhuma. Os que leram o protesto energico publicado no antigo *Trinta* contra o attentado commettido com o cadaver da infeliz suicida de S. Bernardo sabem perfeitamente que obedecemos apenas ás nossas convicções liberaes, nunca desmentidas.

Ao X. com estrellinhas diremos, nós que não costumâmos deshonrar a imprensa com questiunculas indecentes, que é um salafrario, um biltre, um calumniador sem provas.

Se o X. fôr tão covarde, que não ouse pedir-nos a responsabilidade d'estas palavras com que lhe fustigâmos a cara alvar, é o ultimo dos miseraveis, indigno do respeito e da consideração dos homens de bem.

Então, ou poderá fallar á vontade, ou puchar-lhe-hemos as orelhas. Conforme.

Realisaram-se na sala da eschola do Conde de Ferreira estas conferencias a que assistiu a maior parte do professorado do districto. Temos o desgosto de dizer que não fomos contemplados com um convite para assistirmos a essas conferencias.

Sabemos que outro nosso collega d'esta cidade tambem não teve convite. Pensemos que este procedimento apenas seria filho d'um esquecimento da parte do sr. Sub-inspector, e não o taxamos de menos consideração pela imprensa, como sem duvida o fariam collegas nossos mais meticulosos e talvez mais ciosos de que se acatem direitos que antigos habitos nos conferem. Não sabemos mesmo quaes os motivos que no animo do sr. Inspector da circumscripção imperaram para não tornar publicas e accessiveis a todos os cidadãos semelhantes conferencias e para fazer com que quem quizesse assistir a ellas tivesse de empregar um tempo infinito em sollicitar um simples bilhete de admissão.

Pudêmos, graças á obsequiosidade de um amigo, obter ingresso nas duas ultimas sessões e daremos aos nossos leitores noticia succinta do que lá se fez.

A presidencia era occupada pelo sr. Sub-inspector Donas-Botto, servindo de secretarios os professores Lourenço Catharino e Salgueiros. Na primeira d'estas sessões fallou-se de horario e convieram todos os professores que não poderia adoptar-se horario—typo. A commissão encarregada de elaborar parecer sobre este assumpto depois de ter gasto trez quartas partes do dito parecer em rhetorica inchada de logares communs, deu-nos sobre os horarios a adoptar algumas idéas sensatas, mas que foram logo contestadas pela maior parte dos ouvintes.

Quasi todos queriam que houvesse por dia só uma aula de 4 ou 5 horas e não 2 ou 3 horas cada uma. Comprehende-se que isto seja apenas proveitoso nos concelhos em que, porque as povoações fiquem muito distantes do centro escholar, haja difficuldade em reunir de tarde os alumnos, que estiveram de manhã; muitos professores apresentaram dados estatisticos onde esta desegualdade de frequencia se provava. No entanto, como se vê, um trabalho intellectual de 5 horas apenas com um intervallo de meia hora, para creanças é mais que inutil—é prejudicial. Os trabalhos intellectuaes nos primeiros annos precisam de ser frequentemente alternados com trabalhos physicos quer estes sejam os trabalhos dos campos, quer os de desenvolvimento produzido pela grande gymnastica—o recreio.

Emagine-se como pode ficar uma creança a quem durante 5 horas seguidas se esteve metendo na cabeça essa brutalidade indispensavel, a taboada! E' para fazer recuar de desanimo o cerebro mais desenvolvido, quanto mais o de uma pobre creança que encontra apenas n'aquelle estudo a aridez das coisas que se decoram cem se lhes dizer sentido algum. E' por estas razões que as duas aulas deviam subsistir nos centros escholares circumscriptos, em que a população fosse mais densa, e só por exepção nos outros.

Na ultima sessão conversou-se muito e apenas se apresentou de apreciavel a idêa de organicar uma associação de todos os professores do districto para promover e curar dos interesses da classe. Deliberou-se que a commissão executiva d'esta associação ficasse composta de um professor de cada concelho e ficou uma commissão encarregada da factura dos estatutos.

Algumas professoras assistiram ás sessões que, salvo pequenas exepções brilharam pela sua belleza, pelas suas *toilletes* e pela sua inalteravel mutez. Gostariamos de ver mais interesse nesta tão importante classe pelo desenvolvimento pedagogico. No entanto o questionario para o futuro anno apresentado por aquellas snr.as é cheio de bom senço e perfeitamente redigido. Julgamos que foi confeccionado pela ex.ma sr.a D. Rosa Mourão Gamellas. As professoras nomearam como sua representante da commissão executiva alludida a ex.ma sr.a D. Augusta de Moraes.

Na discussão tornaram-se notaveis as sr.a Paula Quaresma, de Angeja, Castro, de Agueda, o Padre Camelo e um outro professor membro da commissão do horario, cujo nome sentimos ignorar.

Não devemos deixar de mencionar o sr. Leite de Cacia que teve momentos felizes e outros ... infelizes.

Fez annos no dia 10 que foi enforcado no Porto o nosso pobre patricio Clemente de Moraes Sarmento, pelo crime enorme de professar a liberdade, sendo a sua cabeça espetada n'um pau defronte da casa de sua familia.

Porque não arranjaram os miguelistas patuscada para esse dia? Não havia outro mais proprio.

Temos em nosso poder alguns escriptos que por falta de espaço deixamos de publicar, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis collaboradores.

Foram destruidos por um incendio os estabelecimentos da exposição de Pittsburg, no Estado de Pensylvania, calculando-se as perdas em um milhão de dollars.

Os estabelecimentos continham, além de outras curiosidades, a primeira locomotiva que se construira nos Estados-Unidos.

Foi totalmente destruido por um incendio um theatro no Japão, perecendo setenta e cinco pessoas, das quaes sessenta eram creanças. Ficaram feridas mais de cento e cincoenta pessoas.

ANNUNCIOS

Novidade litteraria

ONDEANTES

(*primeiros versos*)

POR

ALBERTO BESSA

A sahir brevemente

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE

LANÇADEIRA OSCILLANTE

E'esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de custura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais ellastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79

pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Carlos.

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noute encontram-se á venda, alem de outras bebidas, excellentes vinhos do Porto e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Commodos.

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO 1.º

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis— Assigna-se no escriptorio da Empreza de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66— Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Acceitam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

PHOTOGRAPHIA DE JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

RUA DIREITA

Tiram-se retratos todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Crimes de uma associação secreta

Ultima e a mais interessante publicação de XAVIER DE MONTÉPIN, auctor dos romances: FIACRE N.º 13 E MYSTERIOS DE UMA HERANÇA.

1.ª Parte—A NOITE DE SANGUE.
2.ª Parte—O OLHO DE LYNCE.
3.ª Parte—A MÃE E O FILHO.

Edição ornada com chromos a finissimas côres e com primorosas gravuras. Cada chromo 10 rs, 50 rs. por semana.

BRINDE a cada assignante Réis 100$000 em 3 premios da loteria, um magnifico album com 15 vistas dos principaes monumentos da cidade do Porto, no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias no escritorio da empreza editora Bertem & C.a rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

OFFICINA DE SERRALHARIA DE JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4----Largo da Apresentação----6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8$000 a 1$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA	Kilo	BISCOUTOS	Kilo
D. Luiz	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» » 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» » 2.ª	320 »
Amores	360 »	Caneiia	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deticiosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corôas a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

COMPANHIA DAS Messageries Maritimes

(8) (23)

A Empreza promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—GERONDE em 23 de outubro Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. CONGO em 8 de novembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.s passageiros de 2.ª.

Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 =RUA DE JOSÉ ESTEVAM=50